

## UMA REFLEXÃO ONTOLÓGICA DO LUGAR DA PESSOA “TRANSVYADA” DENTRO DA PAISAGEM URBANA – A CIDADE E O SUJEITO TAL COMO OVO E GALINHA

Ana Clara Sousa e Silva <sup>1</sup>  
Matheus Silva Nascimento <sup>2</sup>

### RESUMO

O seguinte ensaio tem como por objetivo pensar o carácter ontológico e existencial do sujeito inserido no espaço urbano tendo como fonte inspiradora o conto *O ovo e galinha* de Clarice Lispector<sup>3</sup>. Apoiando-se numa análise fenomenológica, o trabalho se concentra a princípio no questionamento se é possível traçar um paralelo entre a cidade enquanto ovo e o sujeito como galinha, apresentando suas respectivas contradições filosóficas no que se refere ao distanciamento entre sujeito e objeto. Em seguida, é pensado essa contradição a partir do conflito entre as esferas público e privada responsáveis pelo planejamento urbano e a reprodução de espaços contraditórios voltados a população LGBTQI+, partindo do pressuposto que existe uma negação de determinados sujeitos “transvyados” a medida que o espaço urbano é inserido dentro da mercantilização de sua paisagem. Por fim, são feitas provocações que visem incitar a formação de novas práticas sexuais urbanas e consequentemente novas formas pedagógicas de estudo da cidade a fim de compreender esses fenômenos a partir do olhar dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Sexualidade urbana, Espaços “Tranvyados”, Paisagem urbana, Semiótica.

### INTRODUÇÃO

“[...] O ovo por enquanto será sempre revolucionário. - Ele vive dentro da galinha para que não chamem de branco. O ovo é branco mesmo. Mas não pode ser chamado de branco. Não porque isso faça mal a ele, mas as pessoas que chamam o ovo de branco, essas pessoas morrem para a vida. Chamar de branco aquilo que é branco pode destruir a humanidade. Uma vez um homem foi acusado de ser o que ele era, e foi chamado de Aquele Homem. Não tinham mentido: Ele era. Mas até hoje ainda não nos recuperamos, uns após outros [...]” (LISPECTOR, Clarice. *O ovo e a galinha*. LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*, p. 51, 1998).

De antemão, seria improvável pensarmos alguma ligação entre o que Clarice Lispector propunha em seu conto *O ovo e a galinha* e um ensaio teórico que visa pensar a dinâmica da sexualidade urbana na contemporaneidade, e é arriscado dizer que de fato, a princípio não há. No entanto, ao ler *O pornô como experiência urbana* de Baudry (2008), nos deparamos com

1 Orientadora; Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, [myanaclara@gmail.com](mailto:myanaclara@gmail.com);

2 Orientando; Graduando em Urbanismo pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, [matheus.tropicalia.atlas@gmail.com](mailto:matheus.tropicalia.atlas@gmail.com);

3 In: LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*, 1998.

uma possível intersecção quando o mesmo releva que: “O jogo como a imagem é propriamente urbano”. A imagem é o que une ambos autores. Ao se debruçarem sobre o distanciamento entre a representação de uma imagem (ou de um objeto) do que ela mesma se propõe a representar somos postos a pensar que a forma por si só não é capaz de representar a existência de algo, tal como ovo não é somente sua casca, a morfologia da paisagem urbana não é a cidade, ou seja: “A paisagem corresponde a uma forma visual da materialidade urbana, mas construída pelo imaginário que se amplia em múltiplos contornos” (FERRARA, 2012, p.47).

A partir dessa fonte inspiradora, este ensaio tem como por objetivo principal refletir os impactos da construção de uma paisagem urbana, por parte das esferas responsáveis pelo planejamento urbano, na reprodução e visibilidade de uma sexualidade urbana “transvyada”. Tendo como justificativa, o fato de ainda não existir estratégias claras, que tracem políticas públicas no que tange a liberdade sexual na cidade, ou seja, se essa mesma gestão e planejamento acabam sendo igualmente um reflexo dessa ideologia que se propõe pensar a forma como totalidade do espaço e não uma parte dele.

Para dialogar sobre tais problemáticas, o ensaio ao longo de seu desenvolvimento se apoia na metodologia fenomenológica uma vez que, ao nos debruçarmos sobre as problemáticas em torno da afirmação de uma livre sexualidade dentro do meio urbano, é necessário primeiramente compreendermos o processo ontológico inserido dentro da dinâmica sujeito-cidade transfigurada nesse estudo sob uma interpretação existencialista do conto *O ovo e a galinha* de Clarice Lispector. Ou seja, parte-se do pressuposto do carácter autónomo do sujeito em produzir e significar o espaço urbano em que se encontra, sendo a casca que lhe dá forma, uma visibilidade de sua contradição.

Ademais, admite-se também que, qualquer discurso propositivo aqui desenvolvido para pensar uma nova dinâmica sexual urbana deve ser dialogada não somente pelo viés da aplicação técnica como mecanismo de dissolução dos problemas urbanos uma vez que, as disputas analisadas encontram-se, até então, concentradas no campo simbólico pois, mesmo que existam questões tangentes a má distribuição de renda, e ao fluxo mercadológico, elas se fazem presentes junto as construções identitárias e culturais o que sustenta o carácter dinâmico do espaço.

Em síntese, o resultado esperado é justamente levantar provocações acerca de uma nova pedagogia do estudo da cidade traçando um paralelo com leituras pornoativistas, visando

constituir tal como uma nova sexualização do corpo para além da genitalia dentro da dinâmica corpórea urbana, um redimensionamento do impacto entre as esferas público-privado no que tange a discussão das práticas sexuais urbanas, ou seja, visando pensar o anonimato (ou os espaços que remontam essa configuração) como mecanismo de silenciamento para propormos novos caminhos de difusão que estejam em consonância com a nova agenda urbana.

## **METODOLOGIA**

De antemão é válido lembrar que, sendo um ensaio, o percurso desse estudo pode ainda ser modificado em detrimento de novas percepções e leituras. Compreendendo isso, e tendo em vista que o estudo se estrutura numa ponte interseccionada entre a semiótica urbana, a condição existencial e ontológica do sujeito na cidade e as diásporas que envolvem a representação de sua sexualidade, chegamos ao consenso de que o trabalho seria desenvolvido em três momentos.

O primeiro deles volta-se essencialmente no estudo da percepção da paisagem urbana como parte da construção dos sujeitos. Para isso nos apropriamos de três temáticas; os conceitos existencialistas presentes dentro do Conto de Clarice, através de uma análise da estrutura profunda do próprio texto e com o apoio de outros autores que se concentrem em estudar o conto propriamente dito por uma perspectiva filosófica; o conceito de semiótica da paisagem urbana com o suporte de texto de Ferrera (2012) que trata estritamente a questão da imagem e representação e por fim, nos apropriando do conceito de *corpografia urbana* desenvolvido por Jaques (2008) com o intuito de retomar a necessidade de se pensar a produção do espaço enquanto vivência concreta do sujeito na cidade e na constituição de seus lugares sociais. A intenção de se trabalhar as três temáticas é justamente pelo interesse de elucidar os traços de complementaridade das obras no que tange a discussão ontológica do sujeito no espaço e sua inserção, construindo um arcabouço teórico que reforce os argumentos estruturados mais a frente no texto.

Num segundo momento a princípio, nos concentramos em trazer relatos empíricos oriundos de estudos de caso já realizados na comunidade acadêmica, com o objetivo de elucidar o carácter ambíguo da semiótica urbana que nega o sujeito enquanto ser protagonista do espaço. Para isso, se parte do pressuposto que a imagem enquanto mecanismo publicitário inserido numa lógica mercantilista, faz com que a forma da cidade seja interpretada como o

espaço da satisfação pessoal do sujeito, ou ainda, como capital simbólico, que ao gerar prestígio social acaba por revelar uma estrutura de poder não somente pela lógica do capital mas, por uma dimensão cultural. Dessa maneira, retomamos a abordagem feita por Ferrara (2012) acerca da semiótica urbana, dando ênfase nas relações de poder estabelecidas por meio do capital midiático, junto a autores que vão analisar a formação de como se dá os espaços destinados a práticas sexuais da população LGBTQI+ e como a esfera do planejamento urbano observa esses espaços e se eles estão atrelados a subsídios que ao mesmo tempo que satisfazem os sujeitos os mantém escondidos o suficiente para não destoarem de uma certa concepção esteticizada da cidade, construindo identidades híbridas.

Por fim, num último momento, serão discutidas as possibilidades as quais podemos nos apropriar como subsídio para o desenvolvimento de um planejamento urbano que parte do pressuposto que a forma da cidade é um *false cognate* de estruturas mais densas e complexas tal como a sexualidade vinculada a imagem dela. Inclinando-se em textos de Boucier (2014), que visem compreender a complexidade da dinâmica sexual urbana, entendendo igualmente a importância da autonomia do sujeito e do direito a orientação sexual, cujos impactos são perceptíveis na vida pública e não devem ser silenciados pelo anonimato da compreensão atual no que tange a vida privada, buscando uma nova pedagogização do corpo e da cidade elucidando a dinamicidade dos processos identitários.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **O OVO COMO CIDADE E O SUJEITO COMO GALINHA ? PONTES ENTRE EXISTENCIALISMO, SEMIÓTICA E CORPOGRAFIA URBANA.**

Publicado originalmente em 1971, o conto *O ovo e a galinha* é um dos 25 encontrados no livro *Felicidade Clandestina* que traz, em sua maioria, um conjunto de reflexões íntimas e devaneios acerca da infância da autora quando ainda morava em Recife. Em termos de técnica, a narrativa é apresentada como um fluxo de consciência, ou seja, tentando representar os processos mentais dos personagens em questão, sendo esses não mais os condutores da ação e do relato embora apresente um narrador-personagem presente.

Ao longo da leitura nos deparamos, como lembra De Aquino (1980), com frases escolares (“O cão vê o ovo?”), paradoxos (“O que eu não sei do ovo, me dá o ovo

propriamente dito.”) e paródias filosóficas (“Será que sei do ovo,(...) existo, logo sei.”) que vão modificando sistematicamente o nome “ovo” sendo incapaz de associá-lo a uma única coisa, levando-nos entender porque a própria autora o afirma com um segredo para ela mesma em sua entrevista para a TV Cultura em 1977<sup>4</sup>. A narrativa ao longo de suas dez páginas, apresenta-se de forma não sequencial, onde num dado momento existe uma transição aflitiva entre o intimismo e a universalidade da reflexão proposta a medida que uma crise existencial se instala, sendo esse último o fato que sustenta a hipótese da existência de um carácter existencialista na trama uma vez que:

“ O Existencialismo para Sartre é pois, um subjetivismo, no sentido da impossibilidade do homem em ultrapassar sua própria subjetividade. Este, é um escravo da sua própria subjetividade, no sentido de que não pode sair de si mesmo. Este homem prisioneiro, num mundo impenetrável, só poderia dar lugar a uma filosofia do absurdo e da angústia. (DE AQUINO, 1980, p. 6)

Desse modo a relação com o ovo, tal como afirma a própria Clarice, é de uma exteriorização, canalizada pela dimensão do olhar. “ Para Sartre, o olhar é constitutivo de inter-subjetividade, possui carácter ontológico. ‘O olhar é, antes de mais nada, um intermediário que remete de mim a mim mesmo’”(AQUINO,1980, p. 7 *apud* BORNHEIM, 1971).

Pensando nisso, o ovo mesmo sendo um objeto e “isento da compreensão que fere”, faz com que entremos em contato com o mais íntimo de nós mesmos a partir de uma experiência de negação de que o eu sei do objeto na verdade é sua forma, ou seja, o que eu sei sobre a vida e, conseqüentemente, não é capaz de entender a existência objeto o qual queremos atribuir um significado.

“A essência de um ente é o que ele é. A essência do ovo é ‘o’ ovo, e esta é renegada: ‘Individualmente ele não existe’ (p.49). A existência é ‘este’ ovo, na sua forma, na sua configuração. O objeto só é enquanto existe. Quando a narradora ‘quebra-lhe a casca e forma’, "a partir deste instante exato nunda (*sic*) existiu um ovo”. (DE AQUINO, 1980, p. 8 *apud* LISPECTOR, Clarice. O ovo e a galinha, 1998)

Ademais, o ovo (inserido no reino das coisas) é dotado de uma totalidade em si mesmo, não “é” e sim “existe”, de modo que é impossível saber a estrutura interna do “ser” a

4 Entrevista encontrada vide: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnuU&t=110s>. Acessado no dia 15/07/2018 às 14:28.

medida em que ele só o “é” na existência concreta e, se mostra de maneira estranha ao reino humano, pois para esse último o pensamento não é, deve e busca “ser”. Por isso a angústia, pois o reino humano parte da compreensão que ao entender o “ser” ovo eu o compreendo mas, tal como Clarice afirma que “entendê-lo não é o modo de vê-lo” pois “o que eu não sei do ovo é o que dá o ovo propriamente dito”. Ou seja, a maneira de compreender a cidade não é entendendo como ela necessariamente o “é” mas, como ela existe e impacto de sua existência.

Decerto dessa construção podemos primeiramente traçar um paralelo entre a cidade como ovo e o sujeito como galinha. O primeiro é a existência “em-si” mesma, ou seja sua configuração pura e plena. A galinha é o sujeito tal como Clarice transfigura-se nela mesma, representando a consciência humana. A cidade é o sonho inatingível do sujeito, tal como o ovo é o da galinha uma vez que, ao tentar compreender a cidade pelo que ela o “é,” nos deparamos com a angústia de perceber que ela já existe e de que a tentativa de significação é na verdade uma forma de como estamos inseridos dentro dela. “O mundo de objetos criado pelo homem puxou-o para dentro de si, anulando sua subjetividade”(DE AQUINO, 1980, p. 10).

A significação dessa maneira, transfigura-se na forma de visualizar o que entendemos de cidade. No entanto a : “[...] simples estesia do mar, montanha, flores, avenidas, arquitetura, monumentos, se tomados isoladamente, não constituem a semiótica da paisagem campestre ou urbana”(FERRARA, 2012, p. 45). Dessa maneira por mais que a visualidade confira à paisagem sua configuração semiótica, a mesma impede a observação e a discriminação da complexidade comunicativa subjacente fazendo-nos entende-la apenas pelo seu impacto visual, ou seja, a casca do ovo.

A semiótica da paisagem supõe considerar as formas da sua materialidade e as transformações que entre elas se processam, supõe considerar a evolução dos sentidos que, se são por ela estimulados, não assinalam o fluxo da sua evolução demarcada pela passagem interminável do tempo. Na sua densidade visual, a paisagem só pode ser apreendida na fugacidade de um instante; portanto e enquanto espacialidade que a comunica, a paisagem não tem tempo ou seu tempo é falso porque está sempre presente. (FERRARA, 2012, p. 6).

Faz-se necessário que a semiótica da paisagem vá além da visualidade principalmente no que tange a sexualidade inserida dentro do meio urbano, uma vez que, enquanto a representação estiver distante do sujeito tal como a pornografia esta distante da prática sexual propriamente dita, estaremos excluindo o sujeito sexuado da cidade.

E sobre temporalidade, aqui no entanto encontramos uma contradição em se pensar o sujeito enquanto galinha e a cidade quanto ovo. Se por um lado somos postos a entender que a forma materializada dos objetos não é o que caracteriza a existência dos mesmos, conceitualmente existe o risco do distanciamento existencial entre sujeito e objeto, uma vez que, a cidade enquanto existência necessita romper com a temporalidade e ao fazer isso não permito que o sujeito nela se faça pois, embora eu possa compreender a mim mesmo a medida que entendo como enxergo a cidade ela é dinâmica tal como os processos identitários, uma cidade atemporal não é cidade.

Sendo assim que caminho tomar ? A princípio pensar a lógica inversa dessa equação resolveria algumas complicações teóricas uma vez que, a galinha tal como a cidade vêm sendo modelada cotidianamente para que o sujeito se faça pleno de sua existência. Entretanto o distanciamento enquanto percurso de compreensão da existência em sua dimensão abstrata não é o suficiente para entender de fato a semiótica da paisagem, uma vez que o espaço tal como nós não é estático e sua morfologia pode orientar a forma de assentamentos humanos.

Dessa maneira pensar a fusão corpórea entre o sujeito e cidade pode ser um caminho a se pensar posto que, o espaços podem adquirir igualmente uma carga simbólica a medida que os sujeitos se relacionam nele e vice-versa partindo do conceito de *Corpografia urbana* onde: “[...] a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente [...]” (JAQUES, 2008). Para isso, será necessário observar nos próximos momentos as disputas espaciais e as condições de existência a fim de ser afirmar a viabilidade dessa hipótese.

## **A CIDADE ENQUANTO GALINHA DOS OVOS DE OURO: O ANONIMATO COMO MANUTENÇÃO DE UMA PAISAGEM URBANA “CIS-HÉTERO-NORMATIVA”**

No momento anterior ao discutirmos acerca da contradição do espaço como ovo, foi apontando o risco do distanciamento entre sujeito e o objeto. Se a cidade enquanto condição pura de existência mantivesse sua atemporalidade a mesma excluiria o sujeito tendo em vista a condição contínua das construções identitárias no espaço. Nesse tópico iremos nos concentrar especificamente em como se daria esse distanciamento existencial, partindo do pressuposto que a paisagem urbana funciona enquanto ferramenta análoga a uma estrutura

econômica associada a uma leitura de cidade do ponto de vista do planejamento e gestão urbana. O objetivo aqui é discutir se de fato, foram elaboradas políticas públicas eficazes para a livre orientação sexual nos espaços públicos ou se as mesmas acabaram por reforçar a limiaridade entre as identidades sexuais e conseqüentemente divulgando os espaços privados como os lugares ideais para as satisfações pessoais subjetivas dos sujeitos.

A princípio: “[...] a paisagem urbana depende do valor subjetivo e sentimental que a contamina; porém, quando é apropriada pelos veículos de comunicação, seus fragmentos assumem uma espécie de função econômica e o valor da imagem pode ser análogo àquele do solo urbano, obedecendo a similares estratégias comerciais e persuasivas” (FERRARA, 2012, p. 47). De fato, se pensarmos na consolidação dos bairros e lugares frequentados por LGBT’s ao longo das últimas décadas nas cidades, o valor econômico nunca esteve desassociado do valor político e cultural encontrados nesses espaços uma vez que, ir numa livraria, num bar era a certeza de que não iria se sofrer algum tipo específico de preconceito, estando o consumo e a satisfação pessoal coexistindo independentemente.

No entanto, essa lógica tem sido profundamente reconfigurada no momento em que a satisfação pessoal e consumo fundem-se, ou seja, no momento em que esses lugares anteriormente concentrados para a socialização são inseridos dentro da lógica do capital simbólico tornando esses espaços, polos reverberadores de prestígio social uma vez que:

“As arenas e as casas noturnas contribuem para a imagem da cidade, e os empreendedores e profissionais envolvidos na gestão e operação desses espaços têm peso econômico e relação direta com o turismo. Por conta desse intercâmbio de setores, tais espaços de entretenimento necessitam da atenção cada vez maior do Poder Público, assim como carecem de mecanismos de fomento e de articulação com grandes empresas.” (DE JESUS, 2017 p. 290 *apud* FEIJÓ, 2012; FEIJÓ; WAGNER, 2014).

Ao analisar como concentram-se esses espaços na economia noturna do Rio de Janeiro, De Jesus (2017) notou uma relação entre o grau de intervenções urbanas por parte da prefeitura (bem como as campanhas de combate a LGBTfobia e sobre doenças sexualmente transmissíveis) e sua distribuição zoneada nas áreas mais privilegiadas. Bairros situados ao norte e oeste do estado obtiveram menos na metade dos espaços como bares, cafés, restaurantes, cinemas eróticos se comparado ao principalmente aos encontrados ao sul. Faz-se mais claro a discussão sobre prestígio, tornando, por mais bem-intencionada que seja a Lei



Municipal n.2475/1996<sup>5</sup>, um mero dispositivo legal cuja funcionalidade se dá de maneira restrita pois não é estudada junto a políticas sócio-educativas de base, tendo em vista que os estigmas sexuais na sociedade Brasileira ainda encontram-se associados a má distribuição de renda somada as questões de gênero e raça.

A paisagem de uma sexualidade urbana aqui encontra-se distante e atemporal, sendo o sonho inatingível das “galinhas” sapatonas, trans, afeminadas, etc. O perigo do distaciamento é o mesmo de uma só história, que acaba privilegiando os mais bem estabelecidos uma vez que, os mesmos concentram boa parte dos meios de comunicação, que acabam por facilitar o processo de estranhamento e alienação das identidades sexuais. Engana-se quem pensa que a satisfação pessoal garantida pela lógica do consumo é completa, nos espaços privados ela está associada ao lógica do negócio o que vale desde o restaurante, as saunas as quais funcionam como espaço de prostituição, a segurança contra a intolerância é um dispositivo para que se possa consumir ou se trabalhar. Dos Santos (2013) traz um exemplo interessantes com as saunas gays em Salvador:

“Os boys encaram a atividade da prostituição como trabalho, ou seja, eles exercem atividade remunerada, nestes recintos privados de comercialização das práticas eróticas e sexuais, gerando renda para sua manutenção ou contribuindo com orçamento familiar. No entanto, não são contratados pelos estabelecimentos, eles se associam às saunas para comercializarem seus corpos, pagam taxa de entrada, necessitam cumprir horário e obedecem algumas regras, estabelecidas pelos proprietários” (DOS SANTOS, 2013, p. 3).

Decerto desse cenário, podemos inferir que o sigilo é uma das garantias inclusive de perpetuação desse negócio “sexuado” urbano, uma vez que, tal como o turista que passa pelo Centro Histórico Tradicional de Salvador e vê as casas da Rua Direita do Santo António e não percebe as ocupações do MSTB na altura do Passo, existe um conforto na limiaridade entre viver mais de uma identidade sexual, uma vez a segurança desses espaços também é comercializada na forma de descrição, o que mantém, muitas vezes por questões de problemas financeiros, homens heterossexuais trabalhando com michês e prostitutas em espaços voltados a um “segmento” LGBT que tem recurso e acesso a uma “liberdade sexual”. Essas transições sexuais rompem com a construção subjetiva do sujeito em relação a sua própria maneira de

---

5 “[...] o Rio de Janeiro foi pioneiro no Brasil na criação de uma lei que pune práticas discriminatórias contra cidadãos LGBT (Lei nº 2475/1996, regulamentada pelo Decreto 33.033/2008), assegurando que nenhum estabelecimento comercial ou repartição pública carioca discriminasse pessoas em virtude de sua orientação sexual ou identidade de gênero” (DE JESUS, 2017, p. 301).

existir sexualmente uma vez que a excitabilidade erótica torna-se uma representação tal como a paisagem urbana desassociada de sua semiótica.

Como diria Gagnon (2006), no negócio do sexo as práticas sexuais podem, muitas vezes, independer de um desejo sexual (que na maior parte das formulações teóricas, e em especial na psicanalítica, se apoiaria em um instinto (sexual) inato, para dele decolar), se fundando no caso, muitas vezes, em um desejo por dinheiro, ou mais amplamente, pelo consumo de bens que a situação financeira, sem o negócio do sexo, não possibilita. (VIANA, 2010, p. 6-7).

### **SEM OVO E SEM GALINHA: A EXISTÊNCIA PARA ALÉM DAS CONVENÇÕES**

Não existe cidade sem sujeito. Talvez seja essa uma das poucas convenções a serem conservadas aqui a pensar uma nova paisagem urbana em consonância com uma semiótica bem estruturada. As reflexões existencialistas entre a figura do ovo e da galinha por mais inocentes que sejam, nos remete a impossibilidade de ver o outro com o olhar do outro, sendo o grande desafio fazer-se como Clarice e ver além da superfície do ovo, temos que ter fome, de justiça social, medidas sócio-educativas que pensem uma nova pedagogia da cidadania, e consequentemente da sexualidade.

No entanto, somente isso não é o bastante. Pensar sexualidade do ponto de vista apenas educacional não é capaz, por si só, de promover a segurança da liberdade sexual no meio urbano, uma vez que, a prática sexual não é sexualidade, sendo essa última: “[...] uma construção sócio-histórica, que se relaciona com a classe, a etnia, o sexo e o gênero, constituindo-se como elemento essencial para nossa condição humana” (DOS SANTOS, 2013, p. 2 *apud* LOURO, 1997). Então para garantir de antemão que não exista essa confusão é necessário pensar na reconfiguração das convenções público e privado, ou seja, assegurar de que o espaço público não funcione como um *supergo* Freudiano que acabe gerando neuroses fazendo com que as pessoas se submetam a lógica mercantilista do anonimato, que acaba atraindo muitos jovens que por não poderem transar em suas casas o fazem em condições insalubres. Pensar em espaços que abriguem esses jovens é uma proposta razoável, enquanto a empatia não é universalizada.

Bourcier (2014) em *Bildungs-post-porn*, embora concentre-se na reflexão de uma produção pornográfica para além das grandes empresas as quais hoje trabalham para na

implantação de um mercado alternativo como forma de promover uma maior representatividade; traz no cerne do seu trabalho a importância de pensar outras formas de difusão e visibilidade que propiciem uma nova “re-sexualização” do corpo que não se importe muito com o medo da estigmatização hétero-normativa e estagnada ao “binarismo de gênero” que tratou de negar e estigmatizar o lugar da puta e a vadia, ou seja trata-se de uma desobediência sexual.

Um trecho da música *Pare querida* da cantora travesti Lina Pereira ou mais conhecida como “Linn da Quebrada” serve de exemplo: “[...] Tu vem me dizer que só trepa como homem bombado – Apenas pare, querida – Vem fuder com os Vyado – Cê sabe, não sou sarada – E não faço acadmêmia – Mas arraso numa cama – Inventando pornografia [...]”. Sair do anonimato, talvez seja o mecanismo de articulação política que favoreça a horizontalidade de construções subjetivas sobre o próprio corpo, ou seja, dissolver com os “*gloryholes*” tradicionais que, por mais que promovam uma liberdade sexual não romântica e de interesse não procriativo, ainda estão imersos na lógica a qual favorece a realização sexual por meio do consumo publicitário que ao tempo todo nos diz que temos de melhorar o nosso corpo, nossa aparência, e escraviza-nos pela lógica do *habittus*.

O estudante e profissional urbanista deve se ater sobre essas questões uma vez que os: “Os praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática, vivência ou experiência dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam.” (JAQUES, 2008). Partindo desse pressuposto reafirmamos o carácter dinâmico do espaço e consequente as construções identitárias dos sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse estudo tendo como base um conto não linear e abstrato, mostra que é possível a elaboração de pontes interseccionadas que discutem as problemáticas acerca da produção desigual do espaço urbano. Para além dos referenciais teóricos tradicionais, a estética literária analisada em sua estrutura profunda e reflexiva, é capaz de informar modos de percepção e vivência do sujeito na cidade bem como suas restrições e desejos, uma vez que a cidade enquanto materialização do urbano, ainda é o lugar da satisfação pessoal. Reconhecer isso é abrir-se para novas formas de grafia no estudo de campo, uma vez que, como elucidado,

a paisagem enquanto dimensão de estudo representativo, ainda é insuficiente no que tange principalmente as problemáticas inseridas nas práticas sexuais urbanas aqui não aprofundadas. Tais como os impactos psicológicos e suas respectivas respostas psíquicas e corpóreas, a dimensão do fetiche e a legalização da prostituição. Então, pensar novas diretrizes metodológicas no estudo das cidades faz-se necessário para equilibrar o poder-saber acadêmico que ainda distancia o sujeito do objeto de estudo, e tal distância não cabe ao urbanista inserido dentro das dinâmicas identitárias na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

BAUDRY, Patrick. O pornô como experiência urbana. **Cadernos PPGAU/FAUFBA**, v. 7, p. 55-65, 2008.

BOURCIER, Marie-Hélène. BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

DE AQUINO, Cleusa Suiter. Existencialismo e visão existencial no conto "O ovo e a galinha", de Clarice Lispector. **Travessia**, n. 1, p. 5-12, 1980.

DE JESUS, Diego Santos Vieira. Só para o moço do corpo dourado do sol de Ipanema: distribuição espacial da economia noturna LGBT na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 19, n. 2, p. 288-309, 2017.

DOS SANTOS, João Diógenes Ferreira. Desvelando o mercado do sexo: Trajetória de vida dos "Garotos de programas" da Cidade de Salvador". **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2013.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As mediações da paisagem. **Libero, São Paulo**, v. 29, n. 15, p. 43-50, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos, São Paulo**, v. 8, 2008.

VIANA, Normando José Queiroz. É tudo psicológico/dinheiro/pruuuu e fica logo duro!— desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. **Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife**, 2010.